

INTERSECCIONALIDADE E MULHERES NA GRADUAÇÃO: BARREIRAS, EXPERIÊNCIAS E ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR

Eliane de Oliveira Varela Rodrigues¹

Heloisa Cassini Antunes Curcino²

Octávia Cristina Barros³

octaviacristinabarrosgmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências Humanas

RESUMO

Este trabalho, realizado por meio de uma revisão de literatura, teve como objetivo explorar, através de produções científicas, especificamente dissertações, teses e artigos publicados em diferentes bases científicas, como a interseccionalidade afeta o acesso e a permanência de mulheres no ensino superior. Foram identificadas barreiras, experiências e estratégias de resistência, visando contribuir para o campo de estudo que investiga os marcadores sociais e seus atravessamentos. A revisão foi conduzida a partir de artigos científicos e das plataformas Google Acadêmico e SciELO, publicados entre 2019 e 2024, com foco nas intersecções de raça, gênero, faixa etária, classe social, e outros marcadores sociais que impactam as mulheres no ambiente acadêmico, como fatores tanto de opressão quanto de resistência. Foram localizadas 836 produções, sendo 259 artigos na base de dados SciELO e 577 no Google Acadêmico. Conclui-se que a interseccionalidade, como ferramenta analítica, é empregada de maneiras diversas, com múltiplos métodos de pesquisa. Assim, este estudo buscou evidenciar o potencial da interseccionalidade para tornar visíveis as desigualdades sociais e as opressões enfrentadas pelas mulheres no ambiente acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE: Interseccionalidade, Ambiente Acadêmico, Inclusão.

INTRODUÇÃO

A compreensão das intersecções da subordinação depende da clareza com que podemos conceituar as hierarquias étnico-raciais e outras práticas baseadas em grupos sociais. Embora seja evidente que todas as sociedades são moldadas pelo gênero em diferentes graus, a análise de questões relacionadas à raça e outras divisões sociais pode ser complexa. Aqueles que enfrentam condições de

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade Vértix Três Rios/RJ.

² Acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade Vértix Três Rios/RJ.

³ Doutora em Saúde Mental, Professora do curso de Psicologia da Faculdade Vértix Três Rios/RJ

marginalização, como a pobreza, frequentemente se diferenciam da elite por fatores como cor, casta, origem, língua ou religião (Crenshaw, 2002).

A teoria da interseccionalidade, desenvolvida por Kimberlé Crenshaw, oferece um entendimento profundo do atravessamento de marcadores sociais identitários, revelando como as interações entre essas esferas influenciam as experiências de subordinação. Segundo Fleury-Teixeira e Meneghel (2015, p. 185), a interseccionalidade “[...] consiste no momento analítico e político de articular e entrecruzar essas diversas categorias (raça, classe, gênero) para a compreensão das operações e subalternidades”.

Diante dessas múltiplas interações, é crucial adotar uma abordagem abrangente e detalhada para analisar as experiências das mulheres no contexto acadêmico. As políticas públicas de educação no Brasil permitiram a inclusão de diversos perfis de estudantes, incluindo pessoas negras, de baixa classe social e portadoras de necessidades especiais, com uma presença significativa de mulheres. No entanto, é importante notar que o acesso ao sistema educacional não garante a permanência ou a conclusão do curso para todos esses estudantes.

Para assegurar que todas as mulheres se beneficiem da ampliação dos direitos humanos baseados no gênero, é necessário considerar como o gênero se cruza com outras identidades, como classe social e etnicidade. Essas interseções frequentemente ampliam a vulnerabilidade de diferentes grupos de mulheres. Muitas vezes, as experiências específicas de mulheres de grupos étnicos ou raciais são obscurecidas por categorias mais amplas de raça e gênero. A extensão completa da sua vulnerabilidade interseccional ainda não é totalmente conhecida e precisa ser explorada mais a fundo (Crenshaw, 2002).

O objetivo deste trabalho é destacar a importância de considerar a abordagem interseccional na análise do acesso e da permanência de mulheres no ensino superior. Investigaremos como essa abordagem pode revelar barreiras, experiências e estratégias de resistência específicas. Com isso, buscamos contribuir para o campo de estudo que examina os marcadores sociais e suas interseções, proporcionando uma análise mais aprofundada das experiências das mulheres. A abordagem interseccional permitirá um exame detalhado, levando em conta não apenas o gênero, mas também a raça, a classe social, a orientação sexual e outras dimensões

identitárias. Esperamos, assim, avançar nas discussões teóricas atuais sobre essas categorias interseccionais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A teoria da interseccionalidade, desenvolvida por Kimberlé Crenshaw (1989), é essencial para compreender como múltiplas formas de discriminação interagem e se sobrepõem na vida das mulheres com identidades diversas. Crenshaw destaca a importância de reconhecer e analisar as formas simultâneas de opressão para obter uma compreensão mais completa das experiências vividas por mulheres marginalizadas. A interseccionalidade permite um exame aprofundado das várias dimensões da opressão, que frequentemente se entrelaçam e influenciam as condições de vida das mulheres.

Patricia Hill Collins (1990) expande essa perspectiva com o conceito de "matriz de dominação", que explora a interconexão entre diferentes formas de opressão sistêmica. Collins argumenta que as experiências das mulheres são moldadas por uma combinação complexa de fatores sociais e econômicos, criando um sistema multifacetado de desigualdades. A "matriz de dominação" permite entender como as diversas formas de opressão, como classe social, raça e gênero, interagem para criar experiências de subordinação distintas.

Audre Lorde (1984) contribui para o debate ao afirmar que a luta contra uma forma de opressão não pode ser dissociada das interconexões entre diferentes sistemas opressivos. Lorde enfatiza que a análise das múltiplas dimensões da opressão deve ser feita de forma integrada, pois as experiências de discriminação não são isoladas, mas interligadas. Sua abordagem destaca a importância de uma perspectiva holística para enfrentar as injustiças que surgem da combinação de diferentes formas de opressão.

Adriana Piscitelli (2008) observa que as categorias de articulação e as interseccionalidades estão ganhando relevância crescente no debate teórico. Piscitelli ressalta como essas múltiplas diferenciações sociais e culturais se articulam com o gênero, ampliando a compreensão das experiências das mulheres em contextos variados. Essa abordagem proporciona uma visão mais abrangente e detalhada das complexidades enfrentadas pelas mulheres em diferentes situações.

METODOLOGIA

Neste trabalho, optou-se por realizar uma revisão de literatura para explorar os marcadores identitários de mulheres estudantes do ensino superior sob uma perspectiva interseccional. Essa abordagem permite compreender como diferentes marcadores sociais, tais como classe, gênero, identidade de gênero, religião, orientação sexual, pertencimento etnicorracial e geração, se interseccionam na experiência dessas mulheres.

Para garantir a relevância e a qualidade dos estudos incluídos, foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão. Foram considerados para análise apenas os estudos que se concentrassem no contexto do ensino superior e que utilizassem uma abordagem interseccional para investigar a interação de múltiplos marcadores sociais. Além disso, a seleção foi restrita a publicações recentes, especificamente aquelas publicadas nos últimos cinco anos (2020-2024), para assegurar que a literatura abordasse questões atuais. Também foram incluídos somente trabalhos que contribuíssem significativamente para a compreensão das barreiras e estratégias de resistência enfrentadas por mulheres no ambiente acadêmico.

Por outro lado, foram excluídos estudos que não se relacionassem diretamente com o contexto do ensino superior ou que não adotassem uma abordagem interseccional. Publicações anteriores a 2019 foram desconsideradas para manter a atualidade das informações. Além disso, foram excluídos artigos que não contribuíssem para o tema central da pesquisa ou que não fossem provenientes de fontes acadêmicas reconhecidas, como revistas científicas e bases de dados confiáveis.

A pesquisa bibliográfica seguiu essas diretrizes e foi conduzida através de uma busca minuciosa nas bases de dados do Google Acadêmico e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Esta abordagem garantiu que a literatura revisada fosse não apenas relevante, mas também ética, respeitando as diretrizes estabelecidas para a utilização de artigos disponíveis nas bases científicas. O objetivo é oferecer uma compreensão aprofundada das experiências e desafios enfrentados por mulheres no ensino superior, com a intenção de contribuir para decisões coletivas

que promovam a valorização das diferenças identitárias e uma formação acadêmica que responda eficazmente às demandas do sistema educacional.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na plataforma Scielo, foram encontrados 259 artigos sobre o tema da interseccionalidade, enquanto o Google Acadêmico registrou 577 publicações com o mesmo descritor. No entanto, a maioria desses trabalhos não abordou a interseccionalidade a partir da perspectiva teórico-metodológica desenvolvida pelo feminismo negro, que visa visibilizar opressões e resistências aos sistemas de poder. Dentre esses estudos, foram localizados 10 trabalhos que exploraram a temática com um foco específico nas vulnerabilidades apontadas por essa ferramenta analítica capaz de atravessar os marcadores sociais. A partir dessa amostra, cinco artigos se destacaram por oferecer uma análise mais aprofundada e relevante para nossa pesquisa. Esses artigos discutem questões centrais de raça, gênero e interseccionalidade, com um enfoque particular nas experiências das mulheres negras em diferentes contextos acadêmicos e sociais.

Daniele Oliveira e Viviane de Melo Resende (2020), em seu artigo intitulado "Branquitude, discurso e representação de mulheres negras no ambiente acadêmico da UFBA", examinam como a branquitude se manifesta e perpetua no ambiente universitário, particularmente na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Utilizando uma análise crítica do discurso, as autoras destacam como a branquitude estrutura as interações acadêmicas e afeta a representação das mulheres negras, muitas vezes marginalizando-as e dificultando seu progresso e participação efetiva.

Complementarmente, Renata Gonçalves (2018) explora a invisibilidade das mulheres negras no ensino superior, discutindo as barreiras enfrentadas por essas mulheres mesmo em um contexto de políticas afirmativas. Gonçalves argumenta que as estruturas de poder e a branquitude sistêmica continuam a impor obstáculos significativos ao acesso e à permanência das mulheres negras, destacando a necessidade de políticas mais inclusivas e transformadoras.

Gabriela M. Kyrillos (2020), por sua vez, investiga a evolução do conceito de interseccionalidade em "Uma Análise Crítica sobre os Antecedentes da Interseccionalidade". Kyrillos enfatiza a importância desse conceito, desenvolvido por

feministas negras, para compreender as múltiplas formas de opressão que afetam simultaneamente diferentes grupos, especialmente mulheres negras, permitindo uma análise mais abrangente das desigualdades estruturais.

Geórgia Grube Marcinik e Amana Rocha Mattos (2021), em "'Mais branca que eu?': uma análise interseccional da branquitude nos feminismos", abordam como a branquitude se reproduz dentro dos movimentos feministas. As autoras utilizam a interseccionalidade para destacar as tensões raciais e os desafios enfrentados por mulheres negras dentro desses movimentos, onde frequentemente suas vozes são silenciadas ou marginalizadas.

Por fim, Valério *et al.*, (2021) investigam o impacto do racismo estrutural na trajetória acadêmica e na participação social de estudantes negras em cursos de saúde. O estudo revela os desafios enfrentados por essas estudantes em um ambiente universitário que muitas vezes não está preparado para acolhê-las de forma equitativa.

Esses artigos oferecem uma análise crítica das interseções entre raça, gênero e poder, destacando as complexidades e desafios enfrentados pelas mulheres negras em ambientes acadêmicos e feministas. Eles ressaltam a importância da interseccionalidade como uma ferramenta analítica essencial para desvelar as dinâmicas de opressão e promover ações transformadoras que garantam a equidade e a inclusão.

A partir desses aspectos sugere-se que a evasão, a desistência de lutar para a realização de um sonho através de um diploma acadêmico, ou para conquistar uma profissão, principalmente as que apresentam nível socioeconômico baixo, tendem a continuar gerando traumas, angústias e frustrações em mulheres que já são marcadas por inúmeros sofrimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo nos permite concluir a importância da inserção de políticas e práticas mais inclusivas e afirmativas nas universidades, o que favorecerá a ampliação do acesso de mulheres com múltiplos atravessamentos sociais no Ensino Superior, como também a sua permanência nos ambientes acadêmicos.

Diante do exposto, buscamos analisar também, até que ponto fatores como a raça, gênero, classe, idade e outros marcadores sociais, impactam na saúde mental das mulheres no ambiente acadêmico.

Nesse sentido, ao analisar aspectos sobre a interseccionalidade, interferência de gênero, sexualidade, raça, classe social, restou evidenciado, que estas funcionam umas com as outras, umas através das outras em intercruzamento, – ou seja, linhas que não são separáveis, de modo a acentuar como os corpos não precedem, mas emergem através delas. Entre esses extremos, vimos esse espectro como um terreno fértil para se identificar problemas que derivam de opressões, discriminações, angústias e segregações impostas por sistemas discriminatórios que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras dimensões identitárias, que em muitos casos impedem a permanência dessas mulheres no ensino superior.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e política do empoderamento**. (tradução Jamille Pinheiro Dias) – 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos das discriminação racial relativas ao gênero. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis. v 10, n. 01, p.171-188, jun.2002. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100011&lng=pt&nrm=iso acesso em: 30/08/2024

FLEURY-TEIXEIRA, Elizabeth; MENEGHEL, Stela N. **Dicionário Feminino da Infância: acolhimento e diagnóstico de mulheres em situação de violência**. Rio de Janeiro: SciELO Editora FIOCRUZ, 2015.

GONÇALVES, Renata (2018) A Invisibilidade das Mulheres Negras no Ensino Superior - **REVISTA DOPROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA** - Unisul, Tubarão, v.12, n.22p.350-367, Jun/Dez2018. Disponível em: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.19177/prppge.v12e222018350](http://dx.doi.org/10.19177/prppge.v12e222018350)- acesso em:06/08/2024.

KYRILLOS, Gabriela M. “Uma Análise Crítica sobre os Antecedentes da Interseccionalidade”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 1, e56509, 2020. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n156509>. Acesso em:25/08/2024

LORDE, Audre. **Sister Outsider: Ensaio e Conferências**. Trad. Stephanie Borges. 1. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MARCINIK, Geórgia Grube; MATTOS, Amana Rocha. “‘Mais branca que eu?’: uma análise interseccional da branquitude nos feminismos”. **Revista Estudos Feministas**,

Florianópolis, v. 29, n. 1, e61749, 2021 <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n161749> acesso em:20/08/2024

OLIVEIRA, D. DE .; RESENDE, V. DE M.. Branquitude, discurso e representação de mulheres negras no ambiente acadêmico da UFBA. Bakhtiniana: **Revista de Estudos do Discurso**, v. 15, n. 4, p. 149–171, out. 2020.

Organização Mundial da Saúde. **Equidade em saúde e seus determinantes. É hora de construir um mundo mais justo e saudável para todos, em todos os lugares.** Genebra: OMS; 2021.. Disponível em: <https://www.who.int/publications/m/item/health-equity-and-its-determinants>. Acesso em:30/08/2024.

PISCITELLI, Adriana (2008). “Interseccionalidades categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras”. **Sociedade e Cultura**, p.263-274 V.11 n.2 Jul/Dez 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/5247/4295> acesso em:15/07/2024

RODRIGUES, Cristiano; FREITAS, Viviane Gonçalves. “Feminismo Negro e Interseccionalidade em Periódicos Brasileiros (1992-2020)”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 31, n.2, e92874, Cadernos de Ética e Filosofia Política v. 39, n.º 2/2021 | Dossiê II Encontro do GT Filosofia e Gênero | Página 31 acesso:25/08/2024

VALÉRIO, A. C. DE O. et al.. Racismo e participação social na universidade: experiências de estudantes negras em cursos de saúde. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 29, p. e3007, 2021.